

Um cosmopolitismo crítico: a Europa em Victoria Ocampo e no grupo *Sur*

Paulo Renato da Silva¹

Resumo: O objetivo do artigo é demonstrar que o cosmopolitismo presente no pensamento e nos empreendimentos da escritora e promotora cultural argentina Victoria Ocampo (1890-1979) não necessariamente representou uma adesão incondicional a países como Inglaterra e França, tidos como matrizes do Ocidente contemporâneo. Entre as décadas de 1940 e 1970, os peronistas e parte da esquerda associaram o cosmopolitismo de Victoria Ocampo ao imperialismo. No entanto, análise de suas memórias, testemunhos e correspondência, assim como da revista *Sur*, fundada e dirigida por Victoria Ocampo, indica expressivo apego e pertencimento a elementos e valores relacionados à “identidade” argentina e latino-americana.

Palavras-chave: Argentina, Victoria Ocampo, cosmopolitismo.

Resume : Le but de cet article est celui de démontrer que le cosmopolitisme de l'écrivain et promotrice culturelle argentine Victoria Ocampo (1890-1979) n'a pas représenté nécessairement une position sans examen critique envers les pays comme la Grande-Bretagne et la France, considérés comme des références de l'Occident contemporain. Entre les années 1940 et 1970, les peronistes et une partie de la gauche ont associé le cosmopolitisme de Victoria Ocampo à l'impérialisme. Cependant, l'analyse de ses mémoires, témoignages et correspondance, ainsi que la revue *Sur*, fondée et dirigée par Victoria Ocampo, indiquent un important attachement à des éléments et des valeurs liés à “l'identité” argentine et latino américaine.

Mots-cles: Argentine, Victoria Ocampo, cosmopolitisme.

Introdução: Victoria Ocampo, uma argentina cosmopolita

[...] esa interpretación generosa de la palabra cosmopolita es la que tuvo Victoria. [...] *somos ciudadanos del mundo o debemos tratar de serlo* [...].
[...].

¹ Doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professor Adjunto da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Endereço para correspondência: Rua Tarobá, 403, apto 202, Centro, 85851-220, Foz do Iguaçu - PR. E-mail: pauloparesi@yahoo.com.br.

Yo no recuerdo que ella cometiera el error común, que yo suelo cometer, de admirar a alguien contra alguien. [...] Si admiraba a un escritor no lo admiraba contra los demás escritores. Ella no admiraba a Baudelaire contra Hugo o contra Verlaine [...]. *Yo suelo tender al fanatismo y ella no lo tenía* [grifos meus].

Jorge Luis Borges sobre Victoria Ocampo em 1979
(BORGES, 1999, p.326-329).

Victoria Ocampo nasceu em Buenos Aires em 1890. Pertencia a uma das famílias mais tradicionais da Argentina. Como era de se esperar para uma menina de sua condição econômica naquela época, foi educada em francês e inglês, línguas nas quais também aprendeu Literatura, História, religião, Matemática e Música. As leituras preferidas da infância indicam sua formação cosmopolita.² Depois dos tradicionais contos de fada, Victoria Ocampo relata que leu Dickens, Julio Verne, Conan Doyle, Maupassant, Poe, Madame de Ségur e Daniel Defoe. Em 1896, acompanhou a família à Europa, onde permaneceram por pouco mais de um ano. Passaram por Paris, Londres, Genebra e Roma.

Em 1908, retornou com a família à Europa e, dessa vez, permaneceram por dois anos. Em Paris, fez aulas na Sorbonne e no Collège de France. Na Sorbonne, estudou Literatura, História do Oriente e Nietzsche. Nas aulas de Literatura, estudou da literatura grega clássica ao romantismo, passando pela literatura inglesa e Dante. No Collège de France teve aulas de Filosofia com Henri Bergson. Viajar para a Europa foi uma constante em sua vida.

A formação e os ambientes cosmopolitas frequentados por Victoria Ocampo se manifestaram em seus dois principais empreendimentos culturais: a revista *Sur* e a editora de mesmo nome. Fundada em 1931, a revista teria sido uma ideia do escritor norte-americano Waldo Frank, tendo o periódico publicado números inéditos até a década de 1970. Segundo a versão oficial, o nome foi uma sugestão do filósofo espanhol José Ortega y Gasset. Assim, a *Sur* surgiu como uma revista argentina, idealizada por um norte-americano e batizada por um espanhol. Nas páginas da *Sur*, a Literatura se destacou, mas também havia páginas dedicadas à Música, História, Artes Plásticas, Filosofia e questões políticas, dentre outros temas.

² De acordo com Horácio Gonzalez, os “[...] intelectuais cosmopolitas concebem a vida cultural como uma forma de comunicação acima das particularidades nacionais, regionais ou locais” (1984, p.70). Neste artigo, acrescentamos uma ressalva nessa definição tão recorrente: o cosmopolitismo está acima, mas não desvinculado das particularidades nacionais, regionais ou locais.

Na revista, inicialmente, por influência de Waldo Frank, predominou o americanismo, a promoção de um diálogo entre as Américas. O avanço do nazifascismo na Europa e a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) fizeram com que a Inglaterra e a França ganhassem espaço na revista, pois seriam pilares da cultura ocidental. Essa mudança teria levado Waldo Frank a se distanciar do grupo Sur.³

Quanto à Editora Sur, fundada em 1933, esta realizou um número expressivo de traduções. Como aponta Adriana Carvalho Novaes (2006, p.66), a editora foi a primeira a traduzir para o espanhol Aldous Huxley, D. H. Lawrence, André Malraux, Carl Gustav Jung e Virginia Woolf, além de ter publicado Albert Camus e Roger Caillois antes de serem conhecidos internacionalmente.

Os empreendimentos culturais de Victoria Ocampo foram além da revista *Sur* e da editora. Em suas propriedades, principalmente nas de Buenos Aires e Mar del Plata, abrigou diversos intelectuais, artistas e personalidades estrangeiras. Dentre outros, Albert Camus, André Malraux, Antoine de Saint-Exupéry, Gabriela Mistral, Indira Gandhi, Pablo Neruda, Pierre Drieu La Rochelle, Rabindranath Tagore, Waldo Frank, José Ortega y Gasset, María de Maeztu, Roger Caillois e Julian Huxley. Essas relações travadas por Victoria Ocampo colaboraram para que a Argentina fizesse parte de um roteiro artístico e intelectual internacional, no qual eram divulgados trabalhos recentes e conferências eram dadas.

Ao hospedar artistas e intelectuais, Victoria Ocampo também contribuiu para que a Argentina se transformasse em um lugar seguro para muitos se protegerem de ditaduras e guerras e protestarem contra elas, como aconteceu com María de Maeztu, que se exilou no país em virtude da Guerra Civil Espanhola. Para mencionar outro exemplo, Roger Caillois permaneceu no país de 1939 a 1945, ou seja, durante a Segunda Guerra Mundial inteira e, com recursos de Victoria Ocampo, organizou a revista *Lettres Françaises*. A revista, publicada entre 1941 e 1944, defendia a liberdade

³ Segundo Adriana Carvalho Novaes (2006), o grupo Sur era formado pelos membros do Conselho Editorial da revista e por intelectuais que marcaram sua linha editorial. Entretanto, considerando-se a longa duração da revista e da editora e a heterogeneidade dos intelectuais publicados por elas, questionamos a existência de uma “linha editorial”. Dessa forma, consideramos que o grupo Sur era composto por todos os intelectuais que, em maior ou menor medida, foram publicados pela revista e editora. Victoria Ocampo, mesmo durante suas prolongadas viagens ao exterior, acompanhava a preparação dos novos números da revista e os planos da editora, como mostra sua correspondência. Assim, os autores e textos que destoavam do seu pensamento devem ter tido sua aprovação antes de serem publicados.

da França e os valores liberal-democráticos diante da invasão do país pela Alemanha nazista.

A condição econômica privilegiada e o cosmopolitismo levaram grupos nacionalistas a ver Victoria Ocampo como uma representante do imperialismo na Argentina. Colaborou bastante para o fortalecimento desse ponto de vista a oposição de Victoria Ocampo aos governos de Juan Domingo Perón (1946-1955/1973-1974), que se apresentava como autêntico representante dos interesses nacionais e populares.⁴ Segundo pensadores nacionalistas e peronistas, como Juan José Hernández Arregui e Arturo Jauretche, inclusive artistas e intelectuais argentinos e latino-americanos pertencentes ao grupo Sur, dentre os quais destacavam o escritor Jorge Luis Borges, teriam uma obra desvinculada das características e necessidades do continente:

El grupo **Sur** se caracteriza por los siguientes rasgos: 1º.) Una actitud pretendidamente independiente con respecto a la creación artística, la creación pura para el arte puro. 2º.) *Una sobrestimación de las influencias extranjeras con un contrapuesto sentimiento de desdén frente a lo autóctono* [grifo meu]. 3º.) Una concepción de la Cultura como patrimonio de las “élites” y el correlativo sentimiento de apartamiento de las masas (HERNÁNDEZ ARREGUI, 1973, p.145).⁵

Posicionamento parecido se desenvolveu entre setores da esquerda argentina, principalmente depois da queda de Perón em 1955. De um modo geral, durante o governo de Perón, os liberais-democráticos e a esquerda estiveram lado a lado na oposição ao peronismo, vendo-o como autoritário, como um herdeiro do nazifascismo. Entretanto, após a queda de Perón, setores da esquerda passaram a valorizar as medidas sociais e trabalhistas do governo, assim como o seu discurso nacionalista. No meio intelectual, esses setores estiveram presentes, por exemplo, na revista *Contorno*. No número 7-8 dessa revista, publicado em julho de 1956, Oscar Masotta, a exemplo de Hernández Arregui na passagem acima, associa Victoria Ocampo e o grupo Sur ao imperialismo. A associação já é evidenciada no título do artigo, ““Sur” o el antiperonismo colonialista”:

⁴ No plano cultural, o discurso nacionalista de Juan Domingo Perón confrontava com o cosmopolitismo defendido por Victoria Ocampo. Victoria Ocampo chegou a ser presa em 1953.

⁵ A primeira edição do livro foi publicada em 1957.

[...] ya que Victoria Ocampo se declara por encima de las diferencias de clases (“Los intereses de clase, de partidos, de naciones, no deben jamás obstaculizar el cumplimiento de tan sagrada misión”: el decir la verdad), podríamos pensar que lo que ella llama “nuestros problemas infinitamente complejos” *nada tienen que ver* con los problemas del proletariado en general ni con los del proletariado argentino en particular [grifo meu] (MASOTTA, 1956, p.40).

Em meio ao crescimento das tensões políticas na Argentina a partir de meados do século XX, Victoria Ocampo, assim como artistas e intelectuais ligados ao grupo Sur, tenderam a responder a essas críticas ressaltando os valores universais, especialmente da cultura anglo-francesa. De certa forma, paradoxalmente, acabaram adotando a visão de setores da esquerda e dos nacionalistas e peronistas, que relacionavam o cosmopolitismo ao desenraizamento, a uma fuga do nacional. Em 1977, Victoria Ocampo, ao tomar posse na Academia Argentina de Letras – foi a primeira mulher a ocupar uma cadeira na instituição – declarou:

Siendo yo joven, un amigo puso en mis manos una obra de Alberdi. Se empeñaba en hacerme leer a mis compatriotas de talento. Yo era reacia a la lectura en español y lo fui hasta la llegada de Ortega y Gasset. Estaba engolfada en la literatura francesa e inglesa, que fueron un poco nuestro griego y nuestro latín.
No me avergüenza declarar que sigo viviendo con ellas [grifo meu] (OCAMPO, 2000, p.215).

Tudo isso é relativamente conhecido e explorado pela historiografia.⁶ No entanto, em razão do crescimento das tensões políticas, ficaram em segundo plano tanto o que Victoria Ocampo e o grupo Sur entendiam pelo “nacional argentino” como as críticas que apresentaram em relação à cultura e política de outros países, *notadamente os europeus*. O objetivo deste artigo é colaborar para o preenchimento dessa lacuna. O cosmopolitismo de Victoria Ocampo e do grupo Sur não representou uma negação do nacional, nem uma adesão incondicional a aspectos culturais europeus. O testemunho de Borges, destacado na epígrafe, se sobressai por fugir dessas polarizações, apesar de ter sido pronunciado logo após a morte de Victoria Ocampo e em um momento político

⁶ Sobre a formação e biografia de Victoria Ocampo, incluindo aspectos relacionados à editora e revista *Sur*, podem ser consultados, dentre outros: Ocampo (1980a), Ocampo (1980b), Matamoro (1986), King (1989), Ocampo (1999), Ocampo (2000), Pasternac (2002), Vázquez (2002) e Sitman (2003).

delicado para o país.⁷ Consideramos, inclusive, que na raiz das críticas de Victoria Ocampo e do grupo Sur a países europeus esteja, justamente, o seu pertencimento à cultura argentina e “americana” – dentre outros pontos, evidentemente. Como defende Antonio Mitre (2003), quando o assunto é identidade, cabe evitar os extremos:

[...] se nos detivermos um momento na noção de identidade, veremos que, de qualquer campo disciplinar ou ponto de vista sob o qual seja considerada, ela pressupõe um horizonte *sui generis*, capaz de refletir a imagem inequívoca do objeto sem que ela seja a duplicação simétrica do mesmo. Em resumo, deve ser construída a partir de um fundamento que torne possível o reconhecimento da unidade na diferença. Nem a reflexividade absoluta do espelho, nem a opacidade de uma transcendência inabordável pelo conceito, a noção de identidade, longe de acomodar-se aos termos de uma definição, apresenta-se, ao contrário, como um paradoxo. As tentativas de dar solução racional a este dilema têm flutuado entre dois extremos: abolir a totalidade para salvar as especificidades, ou renunciar a estas em nome da primeira (MITRE, 2003, p.30).

Ao analisar Buenos Aires na primeira metade do século XX, Beatriz Sarlo (1997) defende a tese de que a imigração expressiva, o elevado índice de alfabetização, o desenvolvimento dos meios de comunicação e transporte e o intenso êxodo rural que caracterizaram a cidade no período inviabilizam a sustentação de oposições comumente estabelecidas entre centro e periferia, moderno e tradicional, urbano e rural, *cosmopolita e nacional*, dentre outras. Segundo a autora, Buenos Aires e a Argentina devem ser pensadas em termos de uma cultura de mescla, na qual:

[...] coexistem elementos defensivos e residuais ao lado de programas renovadores; *traços culturais da formação crioula a par de um processo descomunal de importação de bens, discursos e práticas simbólicas* [grifo meu]. O impulso da soma caracteriza [...] a modernização elegante de *Sur* (SARLO, 1997, p.217).

Assim, seguindo o destacado por Sarlo no trecho acima, propomos pensar Victoria Ocampo e o grupo Sur como produtos desse “impulso da soma”, como produtos dessa cultura de mescla, sobretudo no que se refere às críticas que dirigiram contra países e culturas que, a despeito disso, consideravam referências do Ocidente contemporâneo, particularmente a França e a Inglaterra.

⁷ Desde 1976, a Argentina vivia a ditadura militar que seria a mais violenta da história do país, responsável pelo desaparecimento de milhares de opositores. O golpe de Estado foi dado contra o governo de Isabelita Perón (1974-1976), terceira esposa, viúva e vice-presidente de Perón em seu último mandato (1973-1974). O antiperonismo de Victoria Ocampo, que remontava à década de 1940, levou-a a apoiar o golpe de Estado.

A Europa segundo o pensamento de Victoria Ocampo e do grupo Sur: estranhamentos e pertencimentos

Em Victoria Ocampo e no grupo Sur, a Europa – particularmente a França, a Inglaterra e a Espanha – ocupou lugar de destaque pela sua importância cultural.⁸ Quanto aos dois primeiros países, a importância estaria presente no Ocidente de uma maneira geral, enquanto o legado espanhol se destacaria, sobretudo, na América Hispânica, em razão das heranças que remontam ao período colonial. No caso da Inglaterra e da França, além da importância cultural, acrescenta-se a relevância política, pois os dois países eram vistos por Victoria Ocampo e pelo grupo Sur como berços dos valores liberal-democráticos.

Contudo, a relação de Victoria Ocampo e do grupo Sur com esses países e culturas não foi marcada somente pela sensação de pertencimento, pela comunhão com os seus principais valores, mas também por estranhamentos, por distanciamentos de natureza variada.

Victoria Ocampo, em uma carta escrita em Paris a sua irmã Angélica, em 20 de janeiro de 1930, destaca que a vida, ali, era de uma “pobreza franciscana” em tudo o que se referia às “cortesias do coração” (OCAMPO, 1997, p.19). Apesar disso, mostra-se satisfeita por estar na capital francesa:

Estábamos allí Ramón [Gómez de la Serna], Delia y yo. Fuimos después a tomar el té y a criticar a los franceses. *Están insoportables* [grifo meu]. A tal punto que hoy, cuando íbamos caminando, alguien al oír el español retentissant de Ramón gritó: “*Assez! en français*”. Era el caso de contestar MERDE pero – como de costumbre – no se me ocurrió sino media hora después.

A pesar de estos pequeños inconvenientes Paris es Paris...insustituible (OCAMPO, 1997, p.28).

A carta é representativa da tensão assinalada entre pertencimento e estranhamento em relação à Europa. A cidade, Paris, e o idioma, castelhano, desencadeiam tanto inclusão quanto exclusão cultural-identitária. Quanto aos franceses,

⁸ Quanto à Alemanha e à Itália, houve um esforço em diferenciar a cultura dos dois países da experiência nazifascista. Contudo, o nazifascismo colaborou para que a cultura alemã e a italiana ocupassem um lugar secundário no pensamento de Victoria Ocampo e do grupo Sur.

o exemplo citado acima não foi um caso isolado. Encontramos em Victoria Ocampo outras referências negativas ao “comportamento” dos franceses. Em outra carta escrita em Paris a sua irmã Angélica, em 7 de dezembro de 1951, destaca que o escritor e diplomata Christian Murciaux era “[...] bastante simpático y abierto (para ser francés) [...].” (OCAMPO, 1997, p.93). Novamente a relação de proximidade e distanciamento em relação à França.

Para Victoria Ocampo, esse comportamento dos franceses estava relacionado ao etnocentrismo, o qual estaria presente, inclusive, no cotidiano do país. Mesmo logo após a guerra, nada teria mudado, como comentou com as irmãs Angélica e Pancha em uma carta escrita em Paris em 6 de agosto de 1946. “La coaba que se usa es más bien colocar red wood. Si fueron americanas los franceses dirían: ‘C’est le mauvais goût américain’. Pero como son francesas no dicen nada” (OCAMPO, 1997, p.63).

Ainda durante a Segunda Guerra Mundial, em uma carta escrita em Nova York a Roger Caillois, em 26 de junho de 1943, Victoria Ocampo já tinha destacado que, mesmo entre os exilados franceses naquele país, o etnocentrismo era marcante, o que provocou um desentendimento com Yvette, esposa de Caillois. Nessa carta a Caillois – um exilado francês na Argentina, vale ressaltar –, nota-se como Victoria Ocampo estabelece uma inversão nas relações de poder, em sentido amplo, geralmente estabelecidas entre a Europa e as Américas. Naquele momento, a Europa, seus habitantes, intelectuais e culturas sobreviveriam graças às Américas. Nota-se ainda que, para Victoria Ocampo, o etnocentrismo não seria uma particularidade francesa, mas europeia de um modo geral:

Dile a Yvette que no me dé lecciones a propósito de lo que le dije sobre los exilados franceses. Yo hablo con ellos, aquí, ella no. [...].

[...] *pensar que aquello que no se parece a Europa o a Francia es inferior, es el error de los europeos en general* y de los franceses en particular (por ejemplo, Paul Valéry) [grifo meu].

En América [...] hay nuevas cualidades y nuevos defectos. Seamos severos con los defectos, pero también entusiastas con las cualidades, que son grandes.

[...]. Y es gracias a las Américas que los europeos respiran en este momento. Algunos europeos (entre ellos Maritain, Saint-Léger, Gropius) lo saben muy bien (FELGINE, 1999, p.141-142).

Por falar em Paul Valéry, Victoria Ocampo trata das impressões do poeta francês sobre as Américas em *Paul Valéry (1871-1945)*, escrito por ocasião de seu falecimento.

Nessa obra, Victoria Ocampo relata que, ao mostrar a Valéry uma foto de um cacto florido tirada em Jujuy, o poeta teria comentado que a planta deveria ser “muito feia”. Victoria Ocampo destaca que estava “[...] ufana de poder obrigá-lo a admirar [...] las bellezas naturales de [...] Argentina [grifo meu]” e que a reação de Valéry a fez “[...] retroceder instintivamente como la picadura de una avispa” (OCAMPO, 1999, p.96).

Para Victoria Ocampo, o etnocentrismo apresentava consequências adversas na produção cultural do continente europeu. Victoria Ocampo se detém sobre a questão em *Quiromancia de la Pampa* (1929), texto no qual comenta e critica dois livros: *Ecuador*, de Henri Michaux, e *El espectador*, de José Ortega y Gasset. De acordo com Victoria Ocampo, em *Ecuador*, Henri Michaux considera que a América do Sul é formada por “três regiões imensas e perfeitamente monótonas”: a “selva virgem”, a cordilheira dos Andes e os pampas. Já Ortega y Gasset, em *El espectador*, descreveria a Argentina como um país de “promessas” e “possibilidades”, e os pampas não teriam “forma”. Segundo Victoria Ocampo, Ortega y Gasset defende, no livro, que “o erro do viajante é a sua verdade”, ou seja, o olhar estrangeiro, ainda que carregado de equívocos, ajudaria os nativos a pensarem sobre si. Apesar de elogiar o livro, para Victoria Ocampo a premissa deveria ser oposta. Em sua opinião, “o erro do viajante é a sua verdade” demonstraria o seu etnocentrismo:

Es claro que, si me quejo de la falta de magnificencia del Támesis porque no se parece a nuestro río, o si Mlle. X no reconoce la grandeza de la Pampa porque no está cortada a la medida de l’Ile de France, la verdad de cada uno de nosotros se convertirá en nuestro error. (Verdad significa aquí noción de belleza) (OCAMPO, 1999, p.32).

É interessante o papel ocupado pela vegetação, geografia e paisagens da Argentina e das Américas no pensamento de Victoria Ocampo e do grupo Sur. Por um lado, observa-se uma tentativa de destacar o que nelas haveria de universal. Entretanto, por outro, parece existir um ponto de contato com os nacionalistas tradicionais, que as tomam como elementos representativos das identidades nacionais, como indica a reação de Victoria Ocampo no caso da foto do cacto mostrada a Valéry.⁹ A questão, inclusive, provocou um desentendimento entre Borges e Victoria Ocampo em torno das

⁹ Sobre o papel da natureza na construção das identidades nacionais na América Latina e nos Estados Unidos, consultar PRADO (2004).

fotografias publicadas no primeiro número da revista *Sur*. Como destaca María Esther Vázquez, para Borges:

No primeiro número havia fotografias apropriadas para roteiros turísticos, mas não para revistas literárias; segundo Borges, tratava-se de “verdadeiro manual de geografia”, que documentava a imensidão do pampa, das cataratas do Iguazu, da Patagônia e dos Andes (VÁZQUEZ, 1999, p.123).

Imagem 1: “Paisaje de las Pampas, Argentina”. Fonte: *Sur*, Buenos Aires, nº 1, verão de 1931.



Imagem 2: “Paisaje del Brasil”. Fonte: *Sur*, Buenos Aires, nº 1, verão de 1931.



O destacado por Borges é corroborado em uma carta escrita por Victoria Ocampo em Nova York, em 30 de maio de 1930, a sua irmã Angélica. Victoria Ocampo comenta com Angélica sobre os planos de levar o cineasta russo Eisenstein para a Argentina:

Resulta un hombre sumamente inteligente, cuando uno conversa mucho con él, y ya tenemos medio arreglado que después de su film en Hollywood [...] trataremos de que haga un *film argentino, en Argentina, con temas argentinos*, podría ser algo estupendo ¡y qué propaganda mundial nos haría un film de Eisenstein! Por supuesto que habría que elegir un *tema bien nacional y mostrar mucho campo* [grifos meus] (OCAMPO, 1997, p.42).¹⁰

Apesar da formação e do discurso cosmopolita, Victoria Ocampo fala na necessidade de se escolher um “tema bem nacional” para um filme. Conforme defendemos no início do artigo, o cosmopolitismo está acima, mas não desvinculado das particularidades nacionais, regionais ou locais. De qualquer maneira, chama a atenção que Victoria Ocampo relacione um “tema bem nacional” ao campo. A

¹⁰ Os planos não se concretizaram.

associação da identidade nacional argentina com o campo foi bastante defendida por setores nacionalistas a partir do centenário da independência do país, no começo do século XX.

Debates sobre o etnocentrismo europeu em relação às Américas também envolveram colaboradores da revista *Sur*. Convidado por Victoria Ocampo, o conde alemão Keyserling deu uma série de conferências na Argentina e escreveu suas impressões sobre o país e a América do Sul em *Meditaciones Suramericanas* (1932). Segundo Keyserling, a América do Sul seria primitiva, pois aqui existiriam elementos pré-históricos na fauna, na paisagem e nos homens que, desse modo, seriam telúricos, pouco desenvolvidos espiritualmente. Uma versão resumida do livro apareceu no número 2 da revista *Sur*, publicado no outono de 1931. Apesar de Keyserling demonstrar otimismo quanto ao futuro do continente, no número 8 da *Sur*, de setembro de 1933, Homero M. Guglielmini e José Luis Romero criticaram bastante o livro, mesmo concordando com o conde em vários pontos. “Abusos de interpretación, deducciones gratuitas, divagaciones *sine liminis* se deben a cierta falta de escrupulosidad intelectual [...]”, apontou Guglielmini (1933, p.123), apesar de ter demonstrado mais simpatia pelo livro do que Romero.

Em 1951, Victoria Ocampo publicou *El viajero y una de sus sombras* (*Keyserling en mis memorias*), no qual lamentou a controversa experiência da vinda do conde. Escreveu também sobre o assunto nos volumes IV, V e VI de sua *Autobiografía* (*apud VÁZQUEZ*, 2002, p.141). Em uma carta de Caillois a Victoria Ocampo, escrita em 20 de novembro de 1975, nota-se que permaneceram, por décadas, as ressalvas quanto a Keyserling. Victoria Ocampo recusou uma proposta de Caillois para que escrevesse um prefácio para uma reedição de *Meditaciones suramericanas*. Tentando convencê-la a mudar de ideia, Caillois pede que, no prefácio, frisasse o caráter subjetivo, não documental do livro: “[...] pienso que el lector enseguida lo advertirá (¡y América ha cambiado tanto en treinta años!). Las *Meditaciones* informan más sobre su autor que sobre su objeto” (FELGINE, 1999, p.299).

Victoria Ocampo também fez críticas ao inglês Aldous Huxley, autor de *Beyond the Bay of Mexico*. Ao comentar sobre Miahuatlán, no México, Huxley teria destacado a “omissão mental”, “espiritual” ali reinante, o que aproximaria a cidade da “vida animal”. Diante desse comentário, Victoria Ocampo responde que o texto de Huxley

também seria marcado por uma omissão, a emocional. Apesar de Victoria Ocampo apontar qualidades no texto, Huxley, por excesso de intelectualismo, teria desconsiderado a humanidade presente em cada homem: “No necesitamos que Huxley nos explique que se siente incómodo ante los seres primitivos; ello se adivina de un extremo al otro de su libro. *They make me feel uncomfortable*. La recíproca debió de producirse también” (OCAMPO, 1999, p.43). O comentário sobre o texto de Huxley demonstra que as críticas de Victoria Ocampo aos europeus não estiveram restritas a opiniões sobre a Argentina e a América do Sul, tendo compreendido as Américas de uma maneira geral.

Para Victoria Ocampo, uma das faces do etnocentrismo europeu, presente inclusive em intelectuais que admirava, era o desconhecimento da Argentina e das Américas na Europa. Em *Domingos en Hyde Park* (1936), relata que, na Inglaterra, vieram lhe contar sobre um romance que se passava na América do Sul. Ao indagar onde exatamente transcorria o romance teria escutado Buenos Aires, somente após minutos de indecisão. Apresentada ao autor, este teria confessado que nunca tinha estado na América do Sul. “Esta respuesta no me sorprendió. ¡La había presentado!... Quanto más me familiarizo con Europa (*yo también voy a pensar en continentes*), más asediada me veo por este género de presentimientos [grifo meu]” (OCAMPO, 1936, p. 30).

Victoria Ocampo relata que riu e chorou com o romance, em razão do uso de termos desconhecidos no país e pelo fato de os personagens, argentinos, serem repletos de títulos de nobreza. Em parte, Victoria Ocampo responsabilizou por esse desconhecimento o descaso com o qual os intelectuais geralmente seriam tratados nas Américas. Para mudar esse quadro, sugere o envio de jovens intelectuais como agregados culturais para a Europa e elogiou a presença dos poetas chilenos Pablo Neruda e Gabriel Mistral na Espanha. Contudo, também responsabilizou os europeus, os quais não teriam interesse expressivo em conhecer a Argentina e as Américas. “He frecuentado bastante los ambientes literarios de Francia, de Inglaterra, de Italia, de España, para poder darme cuenta de la opinión que allí tienen de nosotros (*cuando se toman la molestia de tenerla*) [grifo meu]” (OCAMPO, 1936, p.48).

As críticas de Victoria Ocampo e do grupo Sur à Europa nos remetem a autores como Benedict Anderson (2008) e Anthony Smith (1998). Anderson, em *Comunidades*

imaginadas, lembra que as identidades nacionais não se baseiam somente sobre supostas características em comum entre aqueles que nasceram em um mesmo país, mas também na oposição às demais nacionalidades. “Também vou pensar em continentes”, generalizou Victoria Ocampo acima ao comentar sobre o desconhecimento das Américas pelos europeus. Para Smith, nos processos de formação das identidades nacionais, todas as culturas envolvidas, em maior ou menor medida, se manifestariam nas nacionalidades constituídas.¹¹ Victoria Ocampo e o grupo Sur, apesar do apego à cultura e a modelos europeus, reivindicavam a paisagem argentina/americana e a humanidade dos distintos povos do continente, como na crítica a Aldous Huxley por *Beyond the Bay of Mexico*.

Quanto às questões diretamente relacionadas à política, também encontramos em Victoria Ocampo e no grupo Sur diversas críticas relacionadas às posturas assumidas por distintos países europeus, principalmente a partir da crise econômica e política da década de 1930. Diante do fortalecimento do nazifascismo e da eclosão da Segunda Guerra Mundial, Victoria Ocampo e o grupo Sur apoiaram os países liberais-democráticos. Ressaltavam a relação existente entre a independência da Argentina e dos demais países americanos com os princípios liberal-democráticos.¹²

Apesar do apoio aos países liberal-democráticos, na correspondência com Roger Caillois, Victoria Ocampo criticou várias vezes a apatia de ingleses e franceses frente ao avanço alemão, especialmente após a anexação da Holanda por Hitler. Em agosto de 1940, escreveu surpresa para Caillois, pois os parisienses, mesmo com os alemães às portas da cidade, estariam preocupados somente com moda e decoração (FELGINE, 1999, p.63-64). Em uma dessas cartas, escrita em 12 de abril de 1940, destacou:

Por la radio escuché Londres, Paris, Berlin. Los alemanes son niños malos llenos de vitalidad, de intención y de mentiras. Los otros, los viejos chochos que repiten: “Ved cómo somos justos, razonables y cómo un día castigaremos a los niños malos”. Pero los niños malos no obran más que a su antojo y los viejos chochos (*que para colmo mienten ellos también*) toman al mundo de testigo: “¡Ved qué malos son! Quieren ser tan ricos como nosotros” [...] [grifo meu] (FELGINE, 1999, p.58).

¹¹ Para Smith, na formação das nacionalidades, há uma tensão entre os *projetos* nacionais e as culturas herdadas, as quais interfeririam no processo.

¹² Sobre como os grupos liberais-democráticos se apresentaram como fundadores da nacionalidade argentina durante a Segunda Guerra Mundial, consultar BISSO (2005).

Críticas à morosidade dos países liberais-democráticos europeus em conter o avanço do nazifascismo também apareceram na revista *Sur*. No número 61, de outubro de 1939, Amado Alonso destacou que acreditava na atuação de franceses e ingleses para “defender a humanidade ameaçada”, para “salvar os interesses espirituais do mundo”, porque a guerra começava a prejudicar os “interesses materiais” dos dois países (SUR, 1939, p.116). No número 71, de agosto de 1940, Waldo Frank voltou a destacar a omissão desses países e a relacionar suas ações a interesses financeiros: “[...] los actuales paladines de la Democracia [...] son unos caballeros arcaicos tras cuya retórica continúa gobernando el financiero [...]” (FRANK, 1940, p.8).

Ao serem destacados os interesses econômicos e a omissão de franceses e ingleses no confronto, os dois países são responsabilizados pela própria emergência e consolidação do nazifascismo. A responsabilidade passaria, inclusive, pela ausência de reformas internas, o que teria feito o conservadorismo predominar nos dois países. Em um debate publicado no número 83 da revista *Sur*, de agosto de 1941, o liberalismo foi citado como um “mal menor”, se comparado ao nazismo. No debate, Angélica de Mendoza defendeu que a reorganização do mundo teria que acontecer sobre “novas bases” (SUR, agosto de 1941, p.119). Em outro debate, publicado no número 86, de novembro de 1941, Germán Arciniegas defendeu que o “civismo”, a “liberdade” e a “democracia” estavam mais presentes nas Américas que na Europa (SUR, novembro de 1941, p.95). No número 89, de fevereiro de 1942, Waldo Frank defendeu que a guerra persistiria enquanto não se levasse em conta a “justiça social” e a “realização pessoal” inerentes à democracia (FRANK, 1942, p.13). Em um novo debate, publicado no número 98, de novembro de 1942, Ricardo Baeza defendeu que a política exterior inglesa não era substancialmente diferente da alemã:

Claro está que al desear la eliminación del nazismo, no sólo lo hacemos por el deseo de que se suprima un régimen y una teoría que nos parecen falsos y monstruosos, sino también con la esperanza de que mejoren muchas cosas que están mal asimismo en la democracias (SUR, 1942, p.94).¹³

¹³ No entanto, depois da guerra, com a consolidação do peronismo na Argentina, Victoria Ocampo e o grupo *Sur* reivindicariam o liberalismo tradicional, mais conservador, no qual a “opinião pública” não deveria ser considerada uma “força política”, como Francisco Ayala já tinha assinalado durante o confronto mundial no número 74 da revista *Sur*, de novembro de 1940.

As discordâncias de Victoria Ocampo quanto ao pensamento de alguns intelectuais europeus a respeito da Argentina e, mais amplamente, das Américas, levaram Eduardo Paz Leston a considerá-la “sanamente nacionalista ou americanista”, tendo preferência pelo segundo termo (OCAMPO, 1999, p.29). Apesar de Leston ter ressaltado o “sanamente”, consideramos que a questão foi além da origem, do pertencimento de Victoria Ocampo à cultura argentina e americana. Cabe frisar que as críticas de Victoria Ocampo e do grupo Sur à Argentina e às Américas talvez tenham sido ainda mais recorrentes do que aos europeus. Assim, as críticas aos europeus parecem ter se sustentado em sua condição de promotora cultural, não apenas de argentinos e americanos, mas inclusive de europeus. A consolidação da revista *Sur* e da editora inverteu a imagem das Américas, principalmente da Latina, como uma repetição tardia – e distorcida – da história e da cultura europeias. A revista e a editora exemplificam as Américas como produtoras, promotoras e consumidoras culturais. Podemos perceber isso em *Self-Interviews*, escrito por Victoria Ocampo em 1964, portanto, em um momento no qual, na Argentina, já tinha se consolidado a sua imagem como uma representante do imperialismo no país. No texto, Victoria Ocampo escreveu que, na França, uma senhora ficou surpresa quando soube que uma ópera em cartaz em Paris já tinha sido encenada em Buenos Aires:

Mi impresión, después de este viaje, es que cierta inmadurez política de que padecemos (acompañados abundantemente por nuestras hermanas latinoamericanas), predispone a todo europeo y norteamericano a achacarle las mismas deficiencias al *standard* cultural. No sé si tendrán un porcentaje de razón, pero lo cierto es que hemos dado pruebas de madurez literaria, plástica y musical. No confundir, tenía ganas de decirles... No confundir (OCAMPO, 2000, p.111).

Vale ressaltar que, na passagem acima, Victoria Ocampo emprega a primeira pessoa do plural (“padecemos”, “demos provas”) e que o “nós” a que se refere é a América Latina (“nossas *irmãs* latino-americanas”) e não as Américas, como em outras ocasiões. Aqui, Victoria Ocampo aproxima os Estados Unidos e a Europa no que se refere a uma visão negativa sobre a América Latina, visão que desconsideraria a *madurez artística e intelectual latino-americana*.

Considerações finais

A história e a memória dos argentinos são marcadas por dicotomias. É recorrente a Argentina ser pensada como um confronto entre a “civilização” e a “barbárie”, entre a capital e o interior ou, ainda, entre peronistas e antiperonistas, para citar apenas algumas.

Este não é o espaço para desenvolver exaustivamente a questão. Entretanto, no que se refere a Victoria Ocampo dois dados merecem ser destacados, pois, em alguma medida, questionam essas clássicas dicotomias ao indicarem o reconhecimento de sua trajetória pelo peronismo, suposto representante dos interesses nacionais.

Em uma das paredes do Museu Evita, inaugurado em Buenos Aires em 2002 e que se caracteriza por celebrar a famosa primeira-dama do país, é reconhecida a luta de Victoria Ocampo e de outras lideranças feministas para a conquista do sufrágio feminino na Argentina, tradicionalmente atribuído com exclusividade a Eva Perón. Ainda que a parede esteja ofuscada em meio a chamativos pertences e vídeos de Evita, não deixa de ser expressiva a menção a Victoria Ocampo, considerando o antiperonismo incondicional que manifestou até a sua morte.

O outro dado relevante é a presença da então senadora, e atual presidente do país, Cristina Kirchner – peronista, vale ressaltar – na inauguração, em 2006, da segunda etapa da restauração de Villa Ocampo, propriedade de Victoria Ocampo transformada em centro cultural. Segundo informação do próprio *site* de Villa Ocampo (<http://www.villaocampo.org>), para a terceira etapa da restauração, o Estado argentino, sob a presidência de Nestor Kirchner (2003-2007), destinou quase meio milhão de pesos para a obra.

A que atribuir esses dois dados, esses dois gestos do peronismo contemporâneo em relação à memória de Victoria Ocampo? Em parte, estão relacionados à pacificação da política nacional, quando comparada às conturbadas décadas de 1970 e 1980.

Entretanto, por detrás desses indícios da formação de outra memória sobre Victoria Ocampo e o grupo Sur certamente está a própria historicidade do nacional. Aqueles que outrora foram taxados como representantes do imperialismo no país, passam a ser vistos como produtores e promotores daquilo que atualmente é considerado representativo da “cultura argentina”, pelo menos no que se refere à Literatura. Nomes consagrados internacionalmente, como os escritores Jorge Luis

Borges, Adolfo Bioy Casares e Julio Cortázar, dentre outros, têm suas trajetórias ligadas à de Victoria Ocampo e do grupo Sur. Caillois, por exemplo, promoveu a tradução de escritores ligados ao grupo Sur na Europa. Mesmo as novas gerações de escritores argentinos, que criticam esses nomes em muitos aspectos, reconhecem o seu papel referencial. O que antes era considerado forâneo passa a ser incorporado ao nacional. Nas palavras de Beatriz Sarlo:

A mescla é um dos traços menos transitórios da cultura argentina: sua forma já “clássica” de resposta e reordenação. Aquilo que um historiador da arquitetura chama de “versatilidade e permeabilidade” da cultura portenha parece-me um princípio global para se definirem estratégias ideológicas e estéticas (SARLO, 1997, p.217).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, B. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AYALA, F. Sobre la Opinión Pública. *Sur*, Buenos Aires, n. 74, p.7-35, novembro de 1940.

BISSO, A. *Acción Argentina: un antifascismo nacional en tiempos de guerra mundial*. Buenos Aires: Prometeo, 2005.

BORGES, J. L. *Borges en Sur (1931-1980)*. 1. ed. CARRIL, S. L. del e SOCCHI M. R. de (Orgs.). Buenos Aires: Emecé, 1999.

FELGINE, O. *Correspondencia Victoria Ocampo-Roger Caillois (1939-1978)*. Buenos Aires: Sudamericana, 1999.

FRANK, W. Inventario americano. *Sur*, Buenos Aires, n.71, p.7-21, agosto de 1940.

_____. La Guerra Simple y la Guerra Profunda. *Sur*, Buenos Aires, n.89, p.9-16, fevereiro de 1942.

GONZALEZ, H. *O que são intelectuais*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

GUGLIELMINI, H. M. Critica de las “Meditaciones suramericanas”. *Sur*, Buenos Aires, n.8, p.117-130, setembro de 1933.

HERNÁNDEZ ARREGUI, J. J. *Imperialismo y cultura*. 3. ed. Buenos Aires: Plus Ultra, 1973.

KING, J. *Sur: estudio de la revista literaria argentina y de su papel en el desarrollo de una cultura (1931-1970)*. 1. ed. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1989.

MASOTTA, O. “Sur” o el antiperonismo colonialista. *Contorno*, Buenos Aires, n.7-8, p. 39-45, julho de 1956.

MATAMORO, B. *Genio y figura de Victoria Ocampo*. Buenos Aires: EUDEBA, 1986.

- MITRE, A. *A noção de identidade na tradição racionalista e o tema da modernidade. O dilema do centauro: ensaios de teoria da história e pensamento latino-americano*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- NOVAES, A. C. *O Canto de Perséfone: o grupo Sur e a cultura de massa argentina (1956-1961)*. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2006.
- OCAMPO, V. *Autobiografía: el archipiélago*. 2. ed. Buenos Aires: Sur, 1980a, v. I.
 _____ . *Autobiografía: el archipiélago*. Buenos Aires: Sur, 1980b, v. II.
 _____ . *Cartas a Angélica y otros*. Buenos Aires: Sudamericana, 1997.
 _____ . *Domingos en Hyde Park*. Buenos Aires: Sur, 1936.
 _____ . *El viajero y una de sus sombras (Keyserling en mis memorias)*. 1. ed. Buenos Aires: Sudamericana, 1951.
 _____ . *Testimonios: series primera a quinta*. (Seleção, prólogo e notas: LESTON, E. P.). Buenos Aires: Sudamericana, 1999.
 _____ . *Testimonios: series sexta a décima*. (Seleção, prólogo e notas: LESTON, E. P.). Buenos Aires: Sudamericana, 2000.
- PASTERNAK, N. *Sur: una revista en la tormenta. Los Años de Formación (1931-1944)*. Buenos Aires: Paradiso, 2002.
- PRADO, M. L. C. *Natureza e identidade nacional nas Américas. América Latina no Século XIX: tramas, telas e textos*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2004.
- SARLO, B. *Buenos Aires, cidade moderna. Paisagens imaginárias: intelectuais, arte e meios de comunicação*. São Paulo: Edusp, 1997.
- SITMAN, R. *Victoria Ocampo y Sur: entre Europa y America*. Buenos Aires: Lumiere, 2003.
- SMITH, A. Comemorando a los muertos, inspirando a los vivos. Mapas, recuerdos y moralejas en la recreación de las identidades nacionales. *Revista Mexicana de Sociología*, Ciudad de México, v.60, n.1, p.61-80, ano LX, 1998.
- SUR. Debates sobre temas sociológicos: Comentário a “Los Irresponsables”, de Archibald Mac Leish. *Sur*, Buenos Aires, n. 83, p.99-126, agosto de 1941.
- SUR. Debates sobre temas sociológicos: El Problema Gandhi. *Sur*, Buenos Aires, n.98, p.81-97, novembro de 1942.
- SUR. Debates sobre Temas Sociológicos: ¿Tienen las Américas una historia común? *Sur*, Buenos Aires, n.86, p.83-103, novembro de 1941.
- SUR. Documentos: Contestaciones a una carta de Ozorio de Almeida. *Sur*, Buenos Aires, n.61, p.15-121, outubro de 1939.
- VÁZQUEZ, M. E. *Jorge Luis Borges: esplendor e derrota*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
 _____ . *Victoria Ocampo: el mundo como destino*. 1. ed. Buenos Aires: Seix Barral, 2002.